

# Leão

(1997/2007)

( . . . )

É da ordem do Ser a Sensação  
Do  
Leon  
E Sim e Certo Só me aproximo  
Do  
Seu Som  
Para dizer Ser fim enfim Só Ser Ser

Do Seu Ser Sempre

Guilherme Zarvos

E do meio da selva mais escura onde meu coração flechado sentia-se num charco um grito de um gato selvagem era mais do que isto o poder do felino maior no devaneio de esperma com sua presa e o escuro da sombra negro e negro turvava o bosque e a lua já não dava abrigo e o ensurdecedor urro e a exclamação do cio me paralisavam e só ele podia aplacar meu medo pois nada era verdade: só o som do Leon.

O som de uma manhã bonita se comum deixou de ser Notre Dame e o órgão. E uma tarde cinza não era comum Bach na longínqua Oxford na desnuda capela. E deitado nos tapetes de Varanasi ou em casa olhando Woodstock e Ravi Shankar e o vento e o céu e o mar e mesmo a terra roxa cada um com seu som que só me permito quando o barulho do meu choro ou o entusiasmo do caos não tornam tudo tão igual já que completamente intercambiáveis.

Vem manhã bonita de homens e mulheres que fizeram cantando um país  
Esquece a dor dos soldados morrendo não os que morreram com honra e sem pavor  
Os que se foram deixando suas casas famílias burguesas e uma vitrola escurecendo  
Pensa no dedilhar e nas palmas das mãos do sul da Espanha ou do Marrocos  
Nos rituais do Tibet de Buda se fundindo com o canto de Benin  
Lê em minhas linhas que já dancei no rock pulei carnaval e maracatu  
E cada um dos acordes fortaleceram meus ouvidos rudes

Admirei Manoel concentrado no ônibus descansando das provas de economia  
Lendo ouvindo a partitura. Luciana cantando cada vez mais perfeito pretendendo  
Curar a menina com doença terminal. Carlos ao sabor de Mário subindo favela  
Sabendo que o caminho de ensinar e de dividir faz a igualdade tocar  
E o elefante no palco na ópera e o papagaio da sorte e minha mãe a me ninar  
Vai Hermes foi-te dado o nome e não ache que só o queriam guilhotinado  
No final a mensagem era de união mesmo que seu pescoço tombasse  
O anjo negro de asas douradas e olhos verdes apenas sorria para o descaminho

Leon. Quando beijei-lhe os pés e ia subindo pela perna e você estancou minha  
Cabeça com doçura e sem susto me estarreceu" não serei mais músico"voltei  
Para casa e olhei a flanela do piano já sabia que a história era para mim mesmo  
Mais importante do que seu som abandonado. Nunca mais levei um instrumento  
Tão a sério. E a melopéia deu-me esperança que todos os dias retornaríamos  
No seu silêncio de monge nos sinos de um cavalgante nas magias da palavra  
No papel salvador do mundo de barcos de banheira e livros como portos  
Deixei que os sons dos instrumentos musicais se afastassem que a  
Paixão se fosse e calado entrei para a caverna dos surdos e das teias

Hoje mudou. Mudei. Começo no meio de hora sem ordem a retornar aos discos vinis  
As décadas se misturam e já posso ouvir música sozinho mesmo que ainda não quando  
Escrevo. Tenho um espaço novo ajeitando meu corpo e o silêncio som já não é minha  
Sina. Desembrulhei-me de seu som amor mudei de cidade e de classe social. Não vivo  
Num barril nem correndo com a flauta na boca de dentes podres. O rugido da mata  
E seu grito de desejo o mais profundo da mata escura estão sendo passados para meus  
Três filhos. Um deles a maior pianista virtuosa. Descobrir enfim ser só ser é nunca ser só  
Seu e quando necessitar o objeto livro e o silêncio da cama ou da árvore tombada que me Dará  
pouso e renegar a possibilidade do encontro duradouro do apolíneo e do dionisíaco  
Mesmo assim urrarei a cada êxtase que aprendi com seu som e com as canetas de algum

GRANDE MESTRE

Obs – Esta composição foi escrita no ano que vem.